

A ciência explica as cores e os padrões dos gatos, enquanto crenças populares associam pelagem a comportamento e até a sorte — o que nem sempre corresponde à realidade

POR JÚLIA SIRQUEIRA*

Já ouviu falar que gato laranja é mais agitado? Ou que gato preto dá azar? Essas ideias fazem parte do imaginário popular há décadas e continuam influenciando a forma como muitas pessoas enxergam os felinos. Em alguns casos, essas crenças vão além da curiosidade e acabam impactando diretamente decisões como adoção e cuidado com os animais. Mas, por trás dessas afirmações, o que realmente faz sentido — e o que é apenas mito?

A resposta passa pela ciência. A pelagem é um resultado de um processo biológico complexo, que começa ainda durante o desenvolvimento embrionário. Cada cor, mancha e padrão carrega informações genéticas que ajudam a explicar por que os gatos são tão diversos — e, ao mesmo tempo, únicos.

“O padrão de cores nos gatos é estabelecido durante o desenvolvimento embrionário, a partir da ação coordenada de diferentes genes que organizam como essas cores vão aparecer no corpo”, explica a médica veterinária Adriane Carminati, especialista em felinos. Ou seja, o que vemos externamente é apenas o resultado final de um processo iniciado muito antes do nascimento.

Esse “mapa” genético envolve a atuação de diferentes genes, como o *Dkk4*, responsável por organizar um pré-padrão das marcações na pele ainda em formação. É ele que ajuda a estabelecer onde determinadas cores vão surgir, influenciando diretamente o desenho final da pelagem.

Outro gene importante é o *Taqep*, que está ligado aos padrões rajados, conhecidos como tabby. Dependendo de sua expressão, o gato pode apresentar listras finas ou desenhos mais largos e irregulares, o que contribui para a grande variedade visual entre os felinos domésticos.

Quando a genética entra em cena

Por trás dessa diversidade, existem dois pigmentos principais: a eumelanina, responsável por tons escuros, como preto e marrom, e a feomelanina, que produz cores quentes, como o laranja. A combinação entre esses pigmentos, mediada por diferentes genes, é o que define a coloração final da pelagem.

Mas não é só a cor que está em jogo. Segundo a médica veterinária Vitória da Fonseca, a genética atua



de forma integrada também na saúde da pele e dos pelos. “A genética não determina apenas a cor da pelagem, mas também a qualidade da pele e dos pelos. Muitos dos genes envolvidos na pigmentação participam de processos estruturais e fisiológicos”, destaca.

Isso significa que a cor pode, em alguns casos, indicar predisposições específicas. “Genes que regulam a produção de melanina influenciam a proteção contra a radiação ultravioleta, tornando animais de pelagem clara mais suscetíveis a danos solares”, explica a especialista.

Ainda assim, é importante evitar generalizações. “Existe relação entre a cor da pelagem e algumas predisposições dermatológicas, mas ela não é absoluta. A cor pode indicar tendências, mas não se caracteriza como uma regra”, completa Vitória.

Outro ponto curioso é que fatores como temperatura também podem interferir na coloração. Em gatos do tipo siamês, por exemplo, a produção de pigmento é sensível ao calor, fazendo com que as extremidades do corpo apresentem coloração mais escura.

Mitos, crenças e o olhar humano

Se a ciência explica a origem das cores, o comportamento humano constrói significados em torno delas. Entre os mitos mais persistentes está a ideia de que

Fotos: Freepik



Mito do gato tricolor: são conhecidos pela maioria ser fêmea, porém há casos de gatos machos



Mito do felino preto: são associados ao azar e à resistência ao Sol